

O PANORAMA HISTÓRICO-FILOSÓFICO NO TEMPO DE PAULO: O HELENISMO

Antonio Wardison C. Silva*

RESUMO

O presente texto tem a finalidade de identificar e analisar o panorama histórico-filosófico que antecipou e presenciou o nascimento do cristianismo primitivo, particularmente as ideias que, possivelmente, condicionaram o pensamento e os escritos de Paulo. Nesta perspectiva, o texto apresenta a filosofia helênica até a formulação do pensamento filosófico em Roma, a saber: a doutrina helenística; sua influência no judaísmo e cristianismo; e as corretas filosofias contemporâneas ao nascimento do evento cristão. Com isso, esta análise quer registrar, unicamente, o pensamento filosófico em torno do mundo cristão para que depois, ao comparar estas duas realidades, se possa não somente situar o pensamento cristão em torno da sabedoria pagã, mas também entender como o cristianismo reagiu e assimilou o pensamento greco-romano.

Palavras-chave: *helenismo, judaísmo, cristianismo, filosofia.*

ABSTRACT

This paper aims to identify and to analyze the historical and philosophical than anticipated and witnessed the birth of early Christianity, particularly the ideas that possibly conditioned the thinking and writings of Paul. From this perspective, the text presents the Hellenic philosophy to the formulation of philosophical thought in Rome, namely the Hellenistic doctrine, his influence on Judaism and Christianity, and the correct philosophy to the birth of contemporary Christian event. Thus, this analysis or to register, simply, the philosophy around the Christian world so that later, when comparing these two realities, one can not only place the Christian thought around the pagan wisdom, but to understand how Christianity has responded and assimilated the Greek-Roman.

Keywords: *Hellenism, Judaism, Christianity, philosophy.*

* Salesiano, licenciado em Filosofia, especialista em Filosofia Existencial e em Psicopedagogia, bacharelado em Teologia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo — Unisal. Este texto é parte da pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo — FAPESP, orientada pelo Prof. Dr. Pedro Lima Vasconcellos — Unisal — PUCSP.

INTRODUÇÃO

Com a morte de Aristóteles e o advento do império cosmopolita e romano, Atenas perde sua influência filosófica diante das novas tendências culturais que surgiam no mundo greco-romano. Sócrates e Platão tornavam-se obsoletos; Aristóteles, esquecido; e a filosofia clássica desmoronava-se. Agora, a oratória, a arte, a religião e as “filosofias” aparecem e inauguram um novo mundo. Diante desta “revolução”, Atenas somente olha para o seu passado, glorioso pelo desenvolvimento do pensamento humano; no entanto, decepciona-se diante das novas literaturas e tendências, pois seus eruditos são questionados e até ridicularizados.¹

Esse período, que foi de Alexandre Magno até pouco tempo antes de Cristo, convencionou-se chamar *helenismo*. É o marco de uma nova revolução cultural da humanidade: surge uma nova Paideia, uma nova forma de pensar e conceber as coisas; novos ideais e problemas; abertura para uma nova mentalidade, da greco-romana para a cultura cristã. Até mesmo o povo hebreu sofre com as influências da filosofia grega, principalmente com Platão. Este irá penetrar-se na Bíblia; provocará um paralelo entre Homero e Moisés; e circulará no pensamento do evento cristianismo.

O ambiente helenista cria uma nova cultura, linguagem, comportamento e ideal de homem e, em virtude das novas circunstâncias socio-políticas, com a conquista de Alexandria e poderio de Roma, domina o Ocidente. Até mesmo Marco Aurélio (121-180 d.C.) pensa como romano, mas escreve em grego! Dessa forma, o helenismo penetra a cultura romana e vice-versa, e terá, no cristianismo, sua mais contundente influência de pensamento. Por sua vez, o cristianismo transformará espiritualmente o mundo.

Nesta perspectiva, o presente texto tem o objetivo de situar, identificar e explicitar o mundo cultural em torno do cristianismo primitivo: o helenismo. Com isso pretende demonstrar as tendências filosóficas que influenciaram o mundo de Paulo e, conseqüentemente, seu ambiente e sua formação cultural. Fundamentalmente, o texto se preza na tentativa de apresentar o ambiente filosófico que antecedeu e presenciou o surgimento do cristianismo primitivo.

¹ GIULIANI, M. F. *Paulo de Tarso e o Helenismo*, p. 91.

1. CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS DO HELENISMO

Fundamentalmente, o helenismo compreende “a expansão da língua, educação e cultura gregas iniciada pela consolidação do domínio político macedônio e grego sobre as nações do antigo império persa”.² Em Atenas, o pensamento filosófico oriundo do platonismo e do aristotelismo permaneceu atuante nas escolas da Academia e do Liceu. No entanto, ainda que o espírito do pensamento originário, dos filósofos gregos, estivesse presente e influente na discussão de seus discípulos, não se poderia falar de uma total observância das doutrinas. Pois a Academia afasta-se dos ensinamentos do seu fundador, assim como o Liceu, ao tender para o empirismo e o materialismo (com Estratão, Dicearco e Aristóxenes).³

Ora, à medida que uma doutrina é distanciada da sua fonte originária, novas perspectivas de pensamentos começam a surgir. Assim aconteceu no período helenista: o surgimento de novas escolas: estoica, epicurista e ceticista. Os problemas surgidos no interior do pensamento estoico-acadêmico provocam um acentuado ecletismo (século II a.C.). Com isso, há um distanciamento de todas as escolas ao pensamento epicurista. As novas tendências procuravam uma filosofia mais dialógica. Os principais representantes deste movimento foram: Panécio, Posidônio, Filo de Larissa e Antíoco de Ascalon. Este ambiente eclético originou a introdução da filosofia grega no mudo romano.

No século I a.C., a filosofia grega desmorona, se enfraquece quase por completo. Com a falta de criatividade e novas reflexões acerca das investigações do mundo e do homem, predomina o ceticismo e a influência das

² KOESTER, H. *Introdução ao Novo Testamento: história, cultura e religião do período helenístico*, p. 44. O Helenismo é um período histórico que se inicia com a morte de Alexandre Magno (323) e vai, para alguns, até o ano 146 d.C. (quando a Grécia perde sua hegemonia para a Macedônia); para outros, até o ano 31 a.C. (por causa da batalha de Actium). Fundamentalmente, o helenismo representa três séculos, marcados pela difusão da cultura grega a “novos mundos”, embora distante do seu centro original de pensamento. Como não há uma definição única, o helenismo pode ser entendido como: 1) *Civilização surgida como produto da fusão de elementos culturais gregos e orientais nas regiões conquistadas por Alexandre Magno*; 2) *simples extensão da civilização grega aos orientais*; 3) *simples continuação da antiga civilização grega*; 4) *a mesma civilização grega modificada por novas circunstâncias*. Talvez a primeira definição seja a mais correta a ser afirmada. GIORDANI, M. C. *História da Grécia*, p. 138. A filosofia helenista está estruturada em três grandes linhas mestras: o estoicismo, o epicurismo e o ceticismo. ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*, p. 579.

³ GIULIANI, M. F. *Paulo de Tarso e o Helenismo*, p. 94.

religiões orientais (sincretismo alexandrino). No século I d.C., ganha força o neopitagorismo e o platonismo médio, que terá o neoplatonismo como auge de todo pensamento filosófico nesta época.

Dentro deste cenário filosófico, pode-se afirmar, por um lado, que o helenismo representou um fracasso para a filosofia grega, pois o pensamento dos expoentes filósofos Platão e Aristóteles sofreu grande ruptura, por outro, também se pode dizer de uma crescente riqueza no panorama do pensamento filosófico. Muitos pensadores começaram a discutir os dilemas do mundo com grande propriedade e originalidade, assim como os seus predecessores. Ora partiram de problemas já existentes, ora abriram novas questões e novas perspectivas de investigação, de problemas até mesmo ignorados pela filosofia antiga. Foi neste espírito que o ceticismo consolidou-se como uma corrente influente do pensamento filosófico e sua contribuição perpetuou por vários séculos, particularmente no campo da ética, do social e da religião.

1.1. Helenismo e política

“Na base do helenismo está a transformação política do mundo grego, quando se passou da *pólis* à *oikouménē*.”⁴ A Grécia antiga, caracterizada pela sua vida política e hegemônica, perde influência com o poderio e realeza da Macedônia de Felipe e Alexandre Magno.⁵ Dessa forma, a classe dos cidadãos, influente nas decisões políticas da cidade e detentora de poder, se fragmenta com a majestade do rei: “Em Atenas funcionavam o diálogo político, os debates na *agorá*, as arengas à Demóstenes, ao passo que nos centros helenistas dominou a vontade soberana dos Antipátrides, dos Tolomeus, dos Selêucidas, dos Antígonos e dos Antíocos”.⁶ Isto quer dizer: diante da decomposição da cidade-estado, o indivíduo procurava uma forma de vida mais segura e estável, já que sua cidadania (do homem grego) tornava-se um fardo. Alexandria surgia como uma possibilidade de combate a essa rigidez.⁷

Na *pólis*, a criação artística e a recorrência ao mundo dos deuses estavam em plena harmonia. Esta característica é sublinhada pelo espírito de

⁴ Ibid., p. 95.

⁵ REALE, G.; ANTISERI, D. *História da Filosofia*, p. 227.

⁶ GIULIANI, M. F. *Paulo de Tarso e o Helenismo*, p. 95.

⁷ GIORDANI, M. C. *História da Grécia*, p. 176.

liberdade, criação e autonomia que os cidadãos gozavam. Ao contrário, no mundo helênico, a força política é assegurada por oficiais legitimados, por regalia dinástica, onde até mesmo a poesia pertencia aos eleitos. “A Grécia clássica é como que morta, embalsamada na biblioteca de Alexandria ou nos pórticos do ‘museu’.”⁸ Alexandria passa a representar o grande centro de toda pesquisa e vida cultural do homem helênico, em detrimento de Atenas.⁹

A *pólis* fechava todas as entradas do mundo. Ela vivia sob a sua política, religião, cultura e pensamento. Nem mesmo a alta filosofia conseguiu destruir esta predominância cultural. Pois os gregos não se misturavam com outros povos, e sua hegemonia cultural travava a relação com outras nações (gregos *versus* bárbaros). Somente em 327 d.C. esta hegemonia é rompida: gregos e persas comungam de uma mesma pátria, pela comunhão do poder, quer dizer, anulação da guerrilha entre gregos e povos bárbaros. Desta forma, além de toda superação (referente à literatura filosófica, ao culto dos deuses, à política), “aflora a religião do Deus cósmico, a alma do mundo, símbolo da crescente unificação dos espíritos e da essência do helenismo”.¹⁰

1.2. Espírito e doutrina do helenismo

No mundo clássico, o mito e suas crenças mantinham a hegemonia de um povo, uma sabedoria. No mundo helênico esses elementos são ignorados pela razão, pela busca do mensurável e de outros ideais. Seria impossível a um ateniense do século V a.C. pensar na *ataraxia* epicureia. O helenista desconsidera o tempo dos grandes heróis (como de Aquiles), da tirania, e o mundo da ação (pois sagram uma vida carregada de sofrimento sobre si mesma). Em detrimento do culto aos heróis, que não mais existem (como aqueles que trariam novamente a glória, a felicidade, assim como confiava Plutarco, 50-125), o homem helênico torna-se mais livre, não mais condicionado pela sorte de Péricles ou da majestade dos seus deuses ou ainda à moral e à crença, prescritas na sua cidade. Ele, o helenista, é um homem aberto e livre para sua alma, capaz de se voltar sobre si mesmo. Neste sentido, “o homem helenista goza de sua liberdade no lugar da liberdade

⁸ GIULIANI, op. cit., p. 95.

⁹ RUSSELL, B. *História do Pensamento Ocidental*, p. 163.

¹⁰ GIULIANI, op. cit., p. 96.

política que perdeu, saboreia a sua cultura e tesouros de sua vida espiritual, alindada com os ornamentos e atrativos de uma civilização completa”.¹¹

O helenismo torna o homem, fundamentalmente, filosófico, isto quer dizer: cultua a espiritualidade do homem, a sua interioridade e religiosidade. O helenismo não procura se questionar sobre a realidade das coisas, sua gênese e estrutura, mas em tornar o homem um ser livre, independente no espírito, capaz de uma vida feliz. Antes o mundo estava regido pelas formas (como em Aristóteles), pela metafísica, pelas forças dos deuses, pela *pólis*. Agora, no helenismo, o mundo é a interioridade do homem, a crença num único deus. Tal é a doutrina do estoicismo (que representa a mais importante escola do espírito helenista): cosmopolita, realista, preocupado com a vida do homem e não pelas doutrinas. É, portanto, o cosmopolitismo o fenômeno mais típico do helenismo.¹²

Ao contrário da metafísica platônico-aristotélica, o homem helenista se volta à religião e ao mistério das coisas. Ele é senhor da sua vida, livre, independente. Para os cínicos, o homem é um cidadão do mundo. Ele deve ter cuidado com sua alma. Sua felicidade consiste na virtude e no prazer das coisas exteriores.¹³ Dessa forma, no espírito do helenismo, se identifica a individualidade, o homem interior, espiritual: “A educação cívica do mundo clássico formava cidadãos, a cultura da época de Alexandre forjou, depois, indivíduos”.¹⁴

Portanto o indivíduo é aquele ser livre diante de si mesmo. Ele é um cidadão do mundo (da *pólis* para a *cosmópolis*) e não limitado às exigências da cidade antiga; a *Paideia* deixa de ser uma técnica para o desenvolvimento da criança, na formação da sua personalidade, para ser um mecanismo de formação e desenvolvimento do homem durante toda a sua vida, em função da realização dos seus ideais.¹⁵ O mundo inteiro é uma cidade, e o homem não mais estreita-se pela sua relação com o “ser cidadão”. Ele agora vai em busca de sua identidade.¹⁶

¹¹ Ibid., p. 97.

¹² WENDLAND, P. *La cultura Ellenistico-romana nei suoi rapporti com giudaismo e cristianesimo*, p. 71.

¹³ PIÑERO, A. *Orígenes del Cristianismo*, p. 51.

¹⁴ REALE, G.; ANTISERI, D. *História da Filosofia*, p. 228.

¹⁵ GIORDANI, M. C. *História da Grécia*, p. 277.

¹⁶ REALE, G. e ANTISERI, D. *História da Filosofia*, p. 228.

1.3. Religião do mundo (panteísmo) e Eros helenista

Com o helenismo, vive-se a fusão dos deuses egípcios, gregos e orientais: “As analogias dos curandeiros (a água, a serpente) facilitam tal sincretismo em prol de Serápis. O deus egípcio suplantou Eshmun, Esculápio, Adônis e, loucamente, Osíris, Hélios, Amon, Zeus, Hades, Dioniso, Poseidon e Baal”.¹⁷ Contudo, aos poucos, o homem, deixando de cultuar os deuses, se refugia numa religião individualista. A religião do “deus cósmico” se caracterizará pela Paideia grega, do homem culto. A força criadora do Eros conduz o homem ao inatingível, ao desconhecido, ao misterioso (Alexandre Magno é o símbolo deste individualismo). Ele, ao ascender ao inacessível, amarga uma triste realidade “porque a sombra do real e do individual histórico subiu muito, a ponto de eclipsar o mundo ideal puro”.¹⁸ Os deuses da *pólis* são esquecidos e, agora, o *chrónos* é invocado, de marca impessoal, onde se passam as realidades humanas.

Na *pólis*, o culto dos deuses era observado pelos cidadãos. Existia uma religião uniforme, pois os indivíduos praticavam os cultos tradicionais do Estado. No mundo helenizado, a religiosidade grega perde sua expressão diante do homem cosmopolita: “Desde então a religião já não se dirigia à nação, senão ao homem enquanto homem, de modo que se estabeleceu uma ativa propaganda religiosa”.¹⁹

Por isso, com a decadência das cidades também entram em declínio os deuses, pois eles não podem salvá-las porque não existem mais. E, em oposição ao culto dos heróis, surge a religião do soberano, expressão do poder divino. Esta nova religião dava identidade aos indivíduos, já que ela imprimia total liberdade aos outros cultos ou, até então, negação de todos eles. Prevalencia-se a independência do indivíduo a qualquer culto. Por isso, não havia legitimação de uma única religião para o homem. Somente depois, com o cristianismo, se imperará uma única religião.

2. EXPANSÃO HELÊNICA E INFLUÊNCIA NO JUDAÍSMO E CRISTIANISMO

2.1. Helenismo e judaísmo

Desde o governo de Alexandre Magno (século IV a.C.), o judaísmo veio sofrendo influências do helenismo. Alguns textos da Sagrada Escritura

¹⁷ PRIETO, C. *Cristianismo e paganismo*, p. 22.

¹⁸ GIULIANI, M. F. *Paulo de Tarso e o Helenismo*, p. 99.

¹⁹ HOLZNER, J. *El mundo de San Pablo*, p. 117.

atestam este fato: Macabeus,²⁰ Sabedoria e Eclesiástico,²¹ assim como os escritos apócrifos de Henoque, Salmos de Salomão e Testamento dos doze Patriarcas. Ainda se observam outras testemunhos, no campo da literatura, como as obras de Flávio Josefo, Filon de Alexandria, a Carta do Pseudo-Aristeias, as obras rabínicas (Talmud, Mishná). Todas essas obras apresentam a herança helênica na cultura hebraica (particularmente a resistência semita diante do avanço do helenismo).²²

Fundamentalmente a expansão do helenismo, no judaísmo, surgiu em Alexandria, por ser um lugar onde habitava uma grande colônia judaica. Este povo já se afastara da sua própria língua e de alguns costumes culturais. Parte deste fenômeno foi a tradução do Antigo Testamento para o grego, como também a tradução do texto Septuaginta.²³ Dessa forma, Alexandria espalhava uma nova cultura para todo o mediterrâneo.²⁴

²⁰ Os macabeus tiveram uma brusca reação diante da helenização dos judeus da diáspora. Esta reação assegurou a sobrevivência da religião judaica e, com isso, as condições de surgimento do cristianismo e o islamismo. RUSSELL, Bertrand. *História do Pensamento Ocidental*, p. 195.

²¹ O livro da Sabedoria “indica o conhecimento do platonismo em sua concepção de um Deus sem contato imediato com o mundo. Preparava-se, assim, para o período seguinte, a obra de um Filon”. AYMARD, A.; AUBOYER, J. *O Oriente e a Grécia antiga*, p. 285.

²² GIULIANI, M. F. *Paulo de Tarso e o Helenismo*, pp. 100-101. Para um entendimento mais amplo sobre o avanço do helenismo, é necessário consultar algumas obras gregas e romanas deste período: Estrabão, Plutarco, Dião Cássio, Cícero, Plínio o Velho, Plínio o Jovem, Tácito, Suetônio, Sêneca, Lucano, Virgílio, Horácio, Ovídio, Pérsio, Flaco, Marçal, Juvenal.

²³ “Uma importante população judaica cresceu em Alexandria e logo se tornou completamente helenizada em tudo, menos na religião. Portanto, foi preciso traduzir para o grego as escrituras hebraicas, dando origem à Septuaginta, assim chamada porque, segundo a lenda, setenta tradutores trabalhando independentemente, produziram versões idênticas”. RUSSELL, op. cit., p. 195.

²⁴ Filon (40/30-40/50 d.C.) e Aristóbolo (século II a.C.) foram os grandes responsáveis pela helenização neste período e ambiente. Filon, de um estilo literário prolixo, escreveu numerosas obras em grego. Ele se caracteriza, particularmente, pelo sincretismo. Suas obras unem o religioso ao pensamento platônico, aristotélico, pitagórico e estoico. No entanto, sua tônica é dada ao platonismo e estoicismo. Filon procurou conciliar a Sagrada Escritura ao pensamento helenista através da exegese alegórica (num sentido literal e espiritual) e da submissão do helenismo à Bíblia. Por isso, embora tenha absorvido a cultura helênica, procurou defender e superestimar a cultura hebraica e a Sagrada Escritura. Sua teologia admite a existência de Deus, como ser transcendente em máximo grau. Deus e mundo mantêm uma grande distância e, por isso, tornam-se necessários os mediadores para comunhão com o ser absoluto, a saber: o Lógos, as Potências, os Anjos, o Demiurgo. “Sua atitude conciliativa entre religião e filosofia motivou os neoplatônicos, os árabes e os cristãos a imitá-lo: os neoplatônicos em face da religião pagã, os árabes diante do Alcorão e os cristãos *vis-à-vis* ao Evangelho”. GIULIANI, op. cit., p. 101.

Com a *koiné* (língua grega comum) se difundem, nos centros urbanos e classes cultas, a cultura, a arte, a filosofia e a religião gregas. Na camada da classe alta, em que o grego era mais difundido, a aprendizagem oscilava desde noções elementares da língua até mesmo a uma alta habilidade linguística literária, na qual poucos alcançavam excelência: “Quanto mais profundos eram os conhecimentos linguísticos possuídos por um judeu palestinese, tanto mais facilmente este homem poderia subir a escala social”.²⁵

Dessa forma, o helenismo se difundia e imprimia uma nova maneira de pensar o mundo. De fato, o helenismo “trouxe consigo a introdução de novos sistemas administrativos [...] e uma exploração mais ampla de seus recursos por novos sistemas impositivos”.²⁶ Todavia, nesta sua abrangência, também o helenismo sofria adaptações das culturas particulares, principalmente por via da religião. Por isso é correto falar de um verdadeiro ecletismo no mundo judaico-helênico. Desde o século II a.C. o helenismo se fazia difundir com os essênios:

Flávio Josefo atesta que professavam doutrinas análogas às dos pitagóricos e órficos (dualismo alma-corpo, imortalidade da alma, ascética rigorosa, contemplação, vida comum, noviciado, sacrifícios cruentos, mortificações; proibição do vinho, da carne e do uso matrimonial, libertação da matéria, anjos...). Filon em *Vita contemplativa* menciona os terapeutas, que adotavam doutrinas semelhantes.²⁷

Ainda que influente e mesclado com outras culturas, o helenismo encontrava grande resistência por parte dos fariseus. Já os saduceus o acolhiam na sua cultura. Na Palestina, somente aos poucos o helenismo foi se filtrando na sua região. Primeiramente atingiu as cidades periféricas de Gaza, Ascalon, Dóris, Pela, Dion, Filadélfia, Gadara, Abila e outras. Na Transjordânia, com Antíoco IV, o helenismo se filtra com agressividade e poderio, ainda que coagido pela revolta da população. Já no período dos Asmoneus (135-63 a.C.), e de Herodes, o grande (41-4 a.C.), o helenismo penetrava pela corte e saduceus. No entanto, com os fariseus, muitas revoltas foram provocadas contra essa imposição da cultura grega. Muitos

²⁵ HENGEL, M. *L'Ellenizzazione della Giudea nel I secolo d.C.*, p. 52.

²⁶ TREVIJANO, R. *Orígenes del Cristianismo*, p. 60.

²⁷ GIULIANI, M. F. *Paulo de Tarso e o Helenismo*, p. 102.

judeus, marcados pela religiosidade oriunda de seus antecedentes, reagiram bruscamente contra este legado cultural de uma nação externa. Pois alguns elementos fundamentais do helenismo como

a beleza e o amor, como manifestações supremas da verdade (platonismo); o prazer, como meta das aspirações do homem (epicurismo); a inibição ou *epoché*, ante a incognoscibilidade do verdadeiro (ceticismo); a apatia impavidamente racionalista ante o turbilhão frenético da paixão humana (estoicismo)²⁸

acarretaram inúmeros problemas e desequilíbrio para a cultura tradicional do judaísmo, já que eles passavam a assimilar novos conceitos e uma nova maneira de entender e pensar as coisas, muito diferente da sua cultura.

Jerusalém tornou-se o centro mais importante de língua grega, pois muitos foram as epígrafes que atestaram este fato: escritos que proibiam os pagãos de entrarem na parte interna do templo (*Corpus Inscriptionum Judaicarum II*, 1400); um escrito referente a uma doação à comunidade judaica de Rodi. Também se encontrava uma grande quantidade de escritos nos funerais em Jerusalém. Na capital também existiam inúmeros edifícios de estilo arquitetônico helenista.²⁹ Portanto, “por certos aspectos as múltiplas mudanças de todo judaísmo, comprimido aquela da diáspora, eram mais bem representados por Jerusalém”.³⁰ Pois “‘helenistas’, isto é, judeus de língua grega, não era um fenômeno incomum em Jerusalém”.³¹

No entanto, o maior contato com o helenismo se deu na Diáspora, fora da Palestina. Ainda que procurassem manter sua cultura hebraica, as pessoas, nesta situação, aprendiam a língua e a escrita gregas, além de seus costumes e doutrina filosófico-religiosa. Foi neste contexto, da predominância helênica em Alexandria e na diáspora,³² que Paulo de Tarso viveu.

2.2. Helenismo e cristianismo

Nos relatos evangélicos há poucos indícios de que Jesus tenha entrado em relação doutrinal com os pagãos, mesmo durante suas viagens a

²⁸ PIÑERO, A. *Orígenes del Cristianismo*, p. 287.

²⁹ HENGEL, M. *L'Ellenizzazione della Giudea nel I secolo d.C.*, p. 33.

³⁰ *Ibid.*, p. 43.

³¹ KOESTER, H. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 105.

³² COTHENET, E. *São Paulo e o seu tempo*, p. 10.

regiões helenizadas, como em Tiro, Sidon, Cesareia de Felipe e outras. A missão de Jesus foi executada, fundamentalmente, em meio aos judeus. E foi ele mesmo que afirmara, aos judeus, receber sua missão de Deus, o seu pai (Jo 17,8). Na pessoa de Filipe, em Jo 12,20-29, pode-se identificar uma relação entre gregos e Jesus (comunidade joanina). Como tal, nesta relação, Filipe surge como uma mediação. Exceto Mateus, os hagiógrafos escreveram suas obras no grego popular (*koiné*), pois somente a língua e alguns elementos literários foram retirados do helenismo. Ao contrário, todo o conteúdo e maneira estilística dos escritos evangélicos foram absorvidos das próprias palavras de Cristo. Contudo, é possível identificar elementos, no conjunto do Novo Testamento, que comprovam, ainda que estreitos, certa referência do pensamento cristão ao pensamento helênico.

Ora, Paulo, no caminho de Damasco, adere a Cristo. Com isso, dá outro sentido ao seu judaísmo e insere-se na tradição apostólica. O pensamento helênico, do qual ele absorveu vários elementos culturais, serviram para compreender o seu mundo e a sua cultura, ainda que não representasse, em nenhuma hipótese, a substância dos seus ensinamentos. Ele mesmo, ao escrever aos coríntios, sublinha a real independência entre o cristianismo, judaísmo e helenismo:

ἐπειδὴ καὶ Ἰουδαῖοι σημεῖα αἰτοῦσιν καὶ Ἕλληνες σοφίαν ζητοῦσιν, ἡμεῖς δὲ κηρύσσομεν Χριστὸν ἑσταυρωμένον, Ἰουδαίοις μὲν σκάνδαλον, ἔθνεσιν δὲ μαρτίαν³³

Ainda que se tenha clareza deste dito de Paulo, não se pode desconsiderar um elo entre helenismo (paganismo) e cristianismo. Este dado, aqui sublinhado, serve apenas para notificar um encontro de pensamentos e costumes. Naturalmente, Paulo adquiriu o patrimônio cultural helênico e soube contorná-lo segundo sua fé no Cristo, o messias. Esta verdade fora anunciada pelos Padres da Igreja ao afirmarem que o cristianismo não se sustentava como ilustração da verdade filosófica, mas que a própria fé fora colocada no lugar da filosofia.³⁴ De outro lado, nenhum pensamento marcou tanto o cristianismo primitivo como o platonismo. “Trata-se, antes,

³³ NOVO TESTAMENTO interlinear grego-português. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004. “Visto que tanto judeus sinais pedem quanto gregos sabedoria buscam, nós proclamamos Cristo crucificado, para os judeus, por um lado, escândalo, para os gentios, por outro lado, loucura” (1Cor 1,22-23).

³⁴ PANNENBERG, W. *Filosofia e Teologia*, p. 20.

de um processo de reprodução produtiva e assimilação, que é o constitutivo da 'história da influência' específica das ideias platônicas sobre o cristianismo."³⁵ O fato é que o cristianismo "purificou" (ou "cristianizou") a filosofia grega.

Desta abordagem inicial é necessário afirmar que a "religião" do salvador, ou o seu dito soteriológico, não se dirigiu às pessoas vazias de cultura (o que seria uma incoerência antropológica). Também, com isso, não se quer afirmar que o cristianismo nasceu do helenismo ou do judaísmo, pois o evangelista João, ao utilizar o *lógos* helênico (Jo 1ss) o entende de uma maneira diferente, assim como a palavra "mistério" também tenha adquirido uma nova compreensão para o cristianismo.³⁶ No entanto, ainda que o helenismo não tenha uma substância determinante na referência do pensamento cristão, não se pode negar que a linguagem e o pensamento (de mundo, do homem e da religião) não tenham, em grande parte, advindo do pensamento grego.

O fato é que o cristianismo, para tentar expressar sua doutrina, "cristianizou" a linguagem grega, "imprimindo aos vocábulos e às expressões gregas novos significados, forjando novos termos, mais idôneos para significar as novas grandes realidades reveladas por Cristo".³⁷ Qualquer pesquisa que se destina a questionar ou averiguar as raízes do cristianismo e o pensamento paulino, haverá, fundamentalmente, de percorrer as questões do mundo judeu e grego. O principal questionamento é saber se o cristianismo primitivo é um fenômeno original, uma revelação sobrenatural ou um período do desenvolvimento da história antiga. Esta indagação constitui, fundamentalmente, a preocupação ou investigação da ciência do cristianismo e da teologia paulina.³⁸

³⁵ Ibid., p. 33.

³⁶ No pensamento grego, "mistério" significava algo enigmático, um mito, um fenômeno obscuro. Para o cristianismo, ao contrário, quer dizer revelação, historicamente dada, fruto da sabedoria de Deus. Algo que aparece (que se revela) e que, ao mesmo tempo, se guarda. O culto simbólico é comum nas duas culturas. Para Paulo "mistério" significa algo que é inacessível para a compreensão humana. Aquilo que é próprio de Deus e de Cristo para a salvação da humanidade. HOLZNER, J. *El mundo de San Pablo*, pp. 134-136.

³⁷ GIULIANI, M. F. *Paulo de Tarso e o Helenismo*, p. 104. Isto não quer dizer que as categorias utilizadas por Jesus não foram adequadas, mas que não foram entendidas pelas autoridades e povos de outra cultura.

³⁸ HOLZNER, J. *El mundo de San Pablo*, p. 25.

3. AS ACADEMIAS, O PERIPATETISMO, O EPICURISMO, O ESTOICISMO, O CETICISMO, O ECLETISMO

3.1. As academias

Por Academia se chamam as escolas filosóficas (ou comunidades) que deram continuidade ao pensamento de Platão, em Atenas. Ao longo do tempo, em referência ao pensamento filosófico originário, elas sofreram várias modificações. Além do pensamento platônico, também se cultivavam, na Academia, as ciências matemáticas, naturais e históricas, e a astronomia.

A *Academia antiga* é marcada pelo ensino direto de Platão. Muitos pensadores fazem parte deste período: a presença de Aristóteles, de Espeusipo (347-339), primeiro sucessor de Platão e continuador da investigação sobre os problemas metafísicos, gnosiológico e matemático, assim como Xenócrates (ainda que propusera a divisão da filosofia em dialética, física e ética). Com Polêmon (314-270), acentuam-se os problemas de ordem moral, face às questões especulativas. Em suma, a Academia antiga explorou, fundamentalmente, a política. Este período termina com Crates de Atenas, em 264 a.C.³⁹

A *segunda Academia* (média) é marcada por Arcesilau (315-241). Ele, embora não tenha se distanciado do pensamento platônico, sublinhou a crítica ceticista do problema gnosiológico. Com isso, instaurou o probabilismo em oposição à episteme.

A *terceira Academia* (nova) é desenvolvida por Carnéades de Cirene (214-129). Ele, a partir da concepção anterior, leva o ceticismo ao seu auge.

A *quarta Academia* fora inaugurada por Filo de Larissa (80 a.C.). Ao abandonar o ceticismo rigoroso anterior, procura um termo médio, como via para o conhecimento.

A *quinta Academia* iniciou-se com um discípulo de Filo de Larissa (69 a.C.). Ele propôs o ecletismo como resolução do problema apontado pelas academias anteriores, ou seja, a harmonia entre o peripatetismo e o estoicismo. Muitos aderiram a esta nova fase da Academia, particularmente nos dois primeiros séculos da era cristã. Foi neste contexto que nasceu Paulo de Tarso.⁴⁰

³⁹ GIORDANI, M. C. *História da Grécia*, p. 394.

⁴⁰ GIULIANI, M. F. *Paulo de Tarso e o Helenismo*, pp. 105-106. A divisão destas academias foi posterior ao período histórico sublinhado.

Em séculos posteriores, a Academia se fragmenta. Não obstante, nos séculos III e IV d.C. ela surge com o nome de neoplatonismo. Entre o platonismo de Platão e o neoplatonismo, chamou-se “Platonismo médio” (tendência que foi além do platonismo e absorveu, particularmente, o pensamento neopitagórico e de outras escolas, com exceção do epicurismo). Esta retomada ao platonismo se justifica pela recusa ao ecletismo. Paulo viveu durante o platonismo médio. A crise de todas estas escolas surgiu no século I a.C.

3.2. O peripatetismo

Em Atenas, o Liceu se caracterizava por um lugar de pesquisa, organizado e tutorado por mestres professores. Após a morte de Aristóteles (322), a escola compreende uma formação erudita e naturalista. Alguns pesadores marcam esta época: Teofrasto de Eresos (322), Eudemo de Rodes (século III), Aristóxenes de Tarento (300), Aristarco de Samos (século III).

Nos primeiros tempos de helenismo é instaurada a tendência empirista, com Estratão de Lâmpsaco (268). Jerônimo de Rodes, Cristolau de Faselis (III-II século) e Diodoro de Tiro (110) procuraram uma conciliação eclética entre o aristotelismo e outras doutrinas filosóficas. Tempos depois, os pensadores retornam ao pensamento único de Aristóteles, como Andrônico de Rodes (I a.C.), Alexandre Afrodísias (II d.C.) e outros vários peripatéticos desta época. O Liceu não era tão significativa no tempo de Paulo,⁴¹ pois a filosofia aristotélica ficou esquecida por vários séculos. O motivo principal deve-se ao fato de a filosofia helenista não ter nenhum interesse em discutir a concepção do primeiro motor e do mecanicismo.⁴²

Em suma, o peripatetismo cultivou pesquisas específicas, assim como seu fundador estagirita. Para os seguidores, o método, utilizado nas suas investigações, ditava todo conhecimento verdadeiro, onde nada mais se poderia acrescentar, a não ser organizar os dados coletados. Após a morte de Aristóteles, descuidam-se da metafísica e dedicam-se às pesquisas sobre as ciências experimentais, a lógica e a ética. Somente depois retornam ao pensamento originário do seu mestre.

⁴¹ GIULIANI, M. F. *Paulo de Tarso e o Helenismo*, p. 108.

⁴² KOESTER, H. *Introdução ao novo testamento: história, cultura e religião do período helenístico*, p. 150.

3.3. O epicurismo

O epicurismo, conforme o próprio nome indica, tem sua fundação em Epicuro (341-271), o “filósofo do jardim”.⁴³ Esta escola era formada por pessoas, grupo de amigos ou congregação, que, desiludidas com a vida, procuravam paz e harmonia na própria vida. Tinham uma vida comum e solitária. Procuravam desprezar o dinheiro, glórias, a fim de alcançarem somente a paz, como meio eficaz para a felicidade. Para Epicuro, a filosofia é uma atividade cujo conhecimento deve garantir felicidade: “No amor de verdadeira filosofia dissolve-se todo o mal e inquieto desejo [...]. E quem diz que a hora de filosofar ainda não lhe chegou, ou já passou, se assemelha a quem diz que ainda não chegou ou já passou a hora de ser feliz”.⁴⁴

Sua filosofia era empirista, fundamentada nas coisas práticas da vida, na tentativa de encontrar o prazer (*hedoné*), que é o princípio da moral. Acreditava no fatalismo (sem temor religioso), no pessimismo (o tédio da vida) e no politeísmo (deuses materializados). Dessa forma, somente aderiria ao conhecimento sensorial, pois o critério da verdade, de todo conhecimento, se dava pela evidência sensível. Quanto à física, acreditava que o universo era regido por uma massa de átomos imutáveis, com vácuo de números infinitos. A física tinha a finalidade de libertar o homem do medo do destino, da morte e dos deuses. Ora, o destino não existe, somente o acaso. Toda transformação acontece sem a interferência de leis dadas. A morte livra o homem de toda dor. Os deuses não interferem no mundo, ao contrário, vivem em profunda contemplação e beatitude.

O prazer, segundo Epicuro, deveria ser alcançado pelo equilíbrio interior, e não pelo sacrifício corporal (*aponia*). A *phronesis* dá o equilíbrio ao físico e o ajuda e se livrar do mal. Dessa forma, o prazer é espiritual (fonte para a paz da alma),⁴⁵ alcance da liberdade, domínio de si. Para a ética epicurista, o prazer é o fim (finalidade) da vida. Cabe à virtude evitar a dor e alcançar o prazer. Pois a virtude é “a arte de organizar sua vida com moderações, de modo a realizar o mais possível o equilíbrio perfeito do corpo e da alma,

⁴³ O jardim (horto) representa a ideia revolucionária de Epicuro: longe do mundo público e dos grandes debates teóricos da Grécia clássica, o indivíduo deve retirar-se a uma ambiente de paz e silêncio a fim de contemplar sua interioridade, na busca de uma vida feliz.

⁴⁴ MONDOLFO, R. *O pensamento antigo*, p. 78.

⁴⁵ VAZQUEZ, A. S. *Ética*, 2002, p. 275.

onde decorre o supremo prazer”.⁴⁶ A prudência é a principal virtude. Por sua vez, a temperança, a justiça e a amizade aguçam este movimento de busca da felicidade.

O epicurismo, portanto, se caracteriza pelo: *pluralismo* (de indivíduos e substâncias), *mecanicismo* (os fenômenos estão regidos por uma determinada lei), *ateleologicidade* (os acontecimentos sucedem uns aos outros, sem tenderem ao fim) e *ateísmo* (não há divindade para explicar a realidade).⁴⁷

Em Roma, o epicurismo foi difundido com a poesia de Tito Lucrécio, depois da implantação do estoicismo. Vários outros representantes sustentaram a filosofia epicureia, como Polistrato (III a.C.), Dionísio (III-II a.C.) e Apolodoro (85 a.C.). Embora pouco se saiba do epicurismo no século I d.C., acreditava-se que a escola era difundida em Roma, Corinto etc.⁴⁸ Em suma, para o epicurismo, “convém trilhar um caminho de prudência e moderação a fim de alcançar um estado de sereno equilíbrio, que é o supremo prazer e, portanto, o bem mais elevado”.⁴⁹

3.4. O estoicismo

Tanto o epicurismo como o estoicismo eram conhecidos no tempo de Paulo. Neste período, estas escolas tinham se afastado do seu pensamento originário e radicadas na doutrina materialista, na qual se admitia um princípio divino. O estoicismo pode ser entendido como “uma unidade de *articulação racional* (lógica, em vista de um perfeito conhecimento da natureza (física), possibilitando *atitudes* de acordo com a estrutura do mundo (ética)”.⁵⁰ Estes três elementos estão intimamente relacionados. Segundo a filosofia do estoicismo, “a sabedoria é bem perfeito da mente humana; a filosofia é o amor e imitação da sabedoria”.⁵¹ Para os estoicos, Deus era um ser material por natureza. A ele, o homem, pelo uso da razão, deveria elevar hinos e louvores. O estoico é um ser pessimista, ignora qualquer sorte do além e se esforça para alcançar a imperturbabilidade. Ao morrer, volta para

⁴⁶ GIORDANI, M. C. *História da Grécia*, pp. 400-401.

⁴⁷ AMERIO, F. *História da Filosofia*, p. 104.

⁴⁸ GIULIANI, M. F. *Paulo de Tarso e o Helenismo*, p. 110.

⁴⁹ RUSSELL, B. *História do Pensamento Ocidental*, p. 170.

⁵⁰ LARA, T. A. *A Filosofia nas suas origens*, p. 186.

⁵¹ MONDOLFO, R. *O pensamento antigo*, p. 93.

o Uno. Este jeito prático de encarar a vida inseriu-se no mundo romano, já desiludido com as filosofias especulativas de Platão e Aristóteles.

A moral ascético-mística era sublime, mas encarnada na vida prática. O preceito ético estava fundamentado por um imperativo categórico, onde as leis existiam por si próprias e não pela exigência de um governante. O sábio tem o dever de observar a ordem de um fatalismo oriundo de Deus (de conceito panteísta): as coisas estão preestabelecidas e nada deve angustiar o homem. Pois o sábio é aquele que sabe escolher as melhores coisas para a sua realização. Tal preceito consiste no critério da sua ética. Ora, todos os homens são iguais e, por isso, sua elevação deve superar qualquer diferença social.

O século I a.C. marca a aproximação do estoicismo às suas ideias originais. Assim como os cínicos, o estoicismo nega o apetite e exalta a liberdade apática e autárquica. Seus principais representantes foram: Atenodoro de Tarso, Sêneca, Epiteto e Marco Aurélio. Não obstante, nos primeiros séculos d.C.,

com frequência, aproximou-se o estoicismo do cristianismo, em razão da índole cristã de certas páginas de Epiteto, de Sêneca. Suspeitou-se até de um influxo direto de Paulo sobre Sêneca, seu coetâneo. Inclusive, na segunda metade do século IV d.C., forjou-se uma pseudocorrespondência epistolar entre ambos. Entretanto, sem ficar nas aparências e penetrando no âmago das duas correntes, encontrar-se-á sob a semelhança material externa uma divergência espiritual abismal.⁵²

O estoicismo, notavelmente, foi a escola que mais influenciou Paulo no seu pensamento filosófico. Esta escola se divide em três etapas: o estoicismo *antigo* foi fundado por Zenão de Citium (Chipre, 336-264).⁵³ Ele partiu das várias colaborações dadas pela filosofia antiga: procurou harmonizar a física de Heráclito com o hilemorfismo aristotélico; admitiu a matéria, o

⁵² GIULIANI, M. F. *Paulo de Tarso e o Helenismo*, p. 112.

⁵³ Assim como Epicuro, Zenão admitiu a filosofia como a “arte de viver”. No entanto, ainda que partilhasse com Epicuro a maneira de como propor os problemas, não aceitava a forma de resolvê-los. Não aceitava que o mundo e o homem fossem meros agrupamentos de átomos e que o bem do homem fosse o prazer. As duas escolas têm seu fundamento no materialismo: negação da transcendência. REALE, G.; ANTISERI, D. *História da Filosofia*, p. 252.

fogo, o *lógos*, o cosmo e concebeu a liberdade num determinismo finalista. A ética estava fundada no racionalismo moral, pelo cosmopolitismo e pelo conceito otimista da natureza. As paixões deveriam ser controladas pela razão, e a prática da virtude consistia viver segundo a natureza racional, que quer dizer: “Significa reconhecer a lei fatal de tudo e adaptar-se a essa lei”.⁵⁴ Assim como os epicuristas, afirmava-se a sensação como base de todo conhecimento. Além de Zenão, outros grandes filósofos se destacaram nesta primeira fase do estoicismo: Cleantes de Assos (333), Crisipo de Soles (281-208), Zeno de Tarso, Diógenes de Babilônia (240-150), Antipatro de Tarso (século II). Aratos de Soles foi um simpatizante desta escola. Paulo, no seu discurso do areópago (segundo relato oferecido por Lucas, em Atos 17), cita o “Hino a Zeus” composto por Aratos.

O estoicismo *médio* (I-II a.C.) adquire contribuições do Peripatetismo e do Epicurismo. Este seu ecletismo é oriundo da sua fragmentação e fraqueza. Obteve grande influência nos pensadores romanos. Seus principais representantes foram: Panécio de Rodes (180-110), Posidônio de Apameia (135-51), Diógenes de babilônia (século III-II) e outros. Para Panécio, a virtude não era suficientemente necessária para a felicidade. Esta ainda carecia de saúde, meios econômicos e força. O principal acento de Panécio foi valorizar os deveres. O maior mérito de Posidônio consistiu na tentativa de atualizar a doutrina helênica ao progresso das ciências.

No *novo* estoicismo (I-III d.C.) se identificam, particularmente, elementos pitagóricos, instaurados pelo pensamento de Socião de Alexandria. Sua capital contribuição é retornar ao pensamento originário do estoicismo. Seus principais representantes foram: Epiteto, Sêneca, Marco Aurélio e Caio Musônio Rufo.

Eis algumas concepções do estoicismo: a *lógica* é resultante das impressões concretas e das representações causadas e elaboradas no homem. E, para além dos epicuristas, tal impressão, ao gerar a representação, necessita de um consentir (em correspondência com a alma), e não somente o sentir.⁵⁵ Dessa concepção surge a ciência. Por um lado, as representações são dadas pelo objeto, por outro, elas são acolhidas pelo indivíduo. O ponto culminante deste pensamento se dá pela correspondência cognitiva ao real, evidência (e

⁵⁴ AMERIO, F. *História da Filosofia*, p. 109.

⁵⁵ REALE, G.; ANTISERI, D. *História da Filosofia*, pp. 254-255.

não pelas formas como em Platão e Aristóteles). Esta concepção lógica teve uma grande aceitação pelos pensadores deste determinado tempo histórico.

Na *física*, o cosmo está fundado na ideia de Heráclito, quanto à sua doutrina do fogo e do *lógos*. O estoicismo apresenta a existência de um sumo Bem, platônico, e do motor imóvel aristotélico. O *lógos* adquire a ideia de racionalidade como forma, perfeita e coerente. Nele se contém a forma do devir, numa relação intrínseca (de informação) com a matéria. A matéria é o elemento passivo; o *lógos*, ativo.⁵⁶ Dessa forma, matéria e razão permanecem em plena harmonia: a matéria se ramifica em fogo, ar, água e terra; o *lógos*, o princípio animador da *physis*.⁵⁷ Ela é a alma do mundo e princípio de todos os deuses. Fundamentalmente, conforme a concepção estoica, o *lógos* é a Providência. Nesta perspectiva,

difere do cristão, porque neste é uma “razão subsistente” que tudo dispõe em função do fim, mediante ação criadora suscitada pelo amor, mas se aproxima deste, porque não só admite a reta ordem objetiva das coisas, como também introduz e sublima a ideia de um sábio prever e ordenar, instilando no agir humano calor e confiança novos.⁵⁸

A *ética* estoica se fundamenta pelo viver segundo a natureza racional (como no cinismo). Neste sentido a liberdade perde sua existência. A ética é uma disciplina da sabedoria, o reto conhecimento das coisas. Com isso, o homem se direciona para a contemplação do *lógos*. A ideia do *devir* está fundamentada na concepção de alteridade, isto quer dizer que o homem se compreende como parte de um todo e sua fortaleza consiste em absorver o absoluto divino da racionalidade. Dessa forma, a lei da natureza se apresenta ao homem e ele age moralmente segundo o imperativo de viver de acordo com sua natureza: “A razão humana será reta quando se ajustar exatamente a essa Razão Universal (Razão eterna que tudo rege) em que se baseia a lei natural comum a todos os homens, anterior e superior a todas as leis positivas”.⁵⁹

O homem, no seu ser, não consegue se libertar do cosmo. A ética contribui para que ele se liberte do acidente contingente (próprio da sua

⁵⁶ AMERIO, F. *História da Filosofia*, p. 107.

⁵⁷ LARA, T. A. *A Filosofia nas suas origens*, p. 187.

⁵⁸ GIULIANI, M. F. *Paulo de Tarso e o Helenismo*, p. 116.

⁵⁹ GIORDANI, M. C. *História da Grécia*, p. 308.

natureza) e da força das paixões. Ao recolher a si mesmo, segundo a ética estoica, o indivíduo encontra a sua dignidade. Esta vertente do encontro consigo mesmo (diferente do ideal epicurista) tornou-se a base para a moral cristã. O homem estoico é um ser cosmopolita. Com isso, transcende todo caráter político e monárquico e, por isso, é igual a todos (na mesma condição jurídica e natureza diante da providência). Esta ideia, que também confere dignidade ao homem, explicita a ideia de solidariedade universal. Este elemento também ofereceu grandes contribuições para o pensamento cristão: a ideia cristã de caridade.

Com a elevação do homem ao *lógos* se imprime a ideia de uma religiosidade universal. Com este princípio, junto à ideia de solidariedade e pensamento ético, “o estoicismo chega a ser uma das expressões mais altas e maduras do mundo greco-romano e das mais afins ao cristianismo, a ponto de poder-se dizer que lhe é um pressentimento e uma preparação”.⁶⁰

No mundo romano, o estoicismo penetrou pelas classes mais cultas. Seus princípios éticos, lógicos e físicos adquiriram grandes influências do pensamento romano, principalmente a ideia de direito natural. E, com seu princípio soteriológico e de interioridade, aproximam, fundamentalmente, do pensamento instaurado pelo cristianismo.

3.4. O ceticismo

O ceticismo é proveniente da escola de Pirro de Élis (365-275). Seu objetivo principal é questionar todo e qualquer sistema gnosiológico filosófico, ou seja, colocar em dúvida toda pretensão de verdade. Ainda que o ceticismo esteja solidificado neste período, verifica-se que nos sofistas já se encontravam elementos de desconfiança teórica em relação a muitas teorias e doutrinas filosóficas existentes: Protágoras criou a arte das “antilogias”, que consiste na discussão de proposições paralelas. O ceticismo ataca o dogmatismo (que propõe conhecer a verdade como ela é). Dessa forma, o ceticismo combate qualquer fenômeno dado pelo conhecimento, e seu propósito é apontar uma contradição radical de todos os dados apresentados como verdadeiros.⁶¹ Como sustenta Sexto Empírico (século II d.C.), o

⁶⁰ GIULIANI, M. F. *Paulo de Tarso e o Helenismo*, p. 118.

⁶¹ GIORDANI, M. C. *História da Grécia*, p. 120.

princípio fundamental do ceticismo consiste em que “toda razão opõe-se a uma razão de igual valor”.⁶²

O ceticismo, na sua *primeira fase*, surgiu como uma contraposição ao pensamento ético, e não necessariamente às doutrinas especulativas. Para Pirro “nada há certo”, pois as coisas podem parecer simples representação sensível. Pois os sentidos não podem dar conhecimento da realidade, não porque sejam inaptos, mas porque os fenômenos são indiscerníveis.⁶³ A verdadeira sabedoria consiste em afirmar a incompreensibilidade da verdade. Pois “a verdadeira natureza das coisas está fora do alcance do nosso conhecimento. Toda opinião humana estaria, assim, fundada sobre a ignorância e seria, portanto, incerta e vã”.⁶⁴ Com isso, se defende a necessidade constante da dúvida metódica para qualquer tarefa de conhecimento. Portanto o ceticismo procura as contradições do pensamento e da existência, das razões e das finalidades das coisas, assim como das incertezas da vida e da história. O princípio regente desta escola é fazer da dúvida um instrumento de conhecimento, pois nada é compreensível, tudo está oculto. A regra da sabedoria é procurar a imperturbabilidade diante das coisas e observar normas que se originam da natureza das coisas, pois nada pode estar determinado para o homem. Qualquer norma ou preceito deve atuar no campo subjetivo do homem.

A *segunda fase* do ceticismo coincide com a academia platônica, ao confrontar-se com o dogmatismo estoico. Arcesilau de Pitana (316-241) é o principal pensador desta geração. Para ele, a representação (consentida), critério de verdade para o estoicismo, não assegura nenhuma verdade, pois o que nasce do assentimento nunca pode ser verdadeiro, somente opinião.⁶⁵ Pois o juízo não pode assegurar a verdade das coisas. Ao contrário, o dialético é o melhor método.⁶⁶ A *terceira fase* surge a partir do probabilismo de Cornéades de Cirene (214-137), depois sustentado por Enesidemo de Cnosos (século I a.C.) e por Agripa (século I a.C.). Há uma reprovação do dogmatismo estoico e do ecletismo. Enesidemo formulou formas ceticistas de por em dúvida os sentidos, e em favor da dúvida constante. A *quarta fase* é marcada pelo período ceticista greco-romano. O problema, agora, consiste

⁶² ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*, p. 151.

⁶³ LARA, T. A. *A Filosofia nas suas origens*, p. 210.

⁶⁴ GIORDANI, op. cit., p. 402.

⁶⁵ REALE, G.; ANTISERI, D. *História da Filosofia*, p. 272.

⁶⁶ LARA, T. A. *A Filosofia nas suas origens*, p. 212.

na medicina empírica, e não mais no pensamento especulativo (como atesta Filino de Koos e Serapião de Alexandria, século III a.C.).⁶⁷

3.5. O ecletismo

O ecletismo⁶⁸ é uma opção conciliadora entre as oposições filosóficas ocorridas entre os acadêmicos e os estoicos. Vem a ser uma alternativa intermediária a fim de resolver o problema do conhecimento, ou de propor uma nova maneira de pensar as coisas na sua veracidade. Por isso o ecletismo é uma mistura de várias escolas: primeiramente assumida pelos estoicos; depois, pelos acadêmicos; e por último, pelos peripatéticos.

O ecletismo estoico, presente no mundo helênico e grego, pendeu para uma abordagem prática das coisas; o ecletismo acadêmico procurou, principalmente em Antíoco de Áscalon, assegurar-se nas mais derivadas correntes filosóficas do seu tempo, na intenção de combater o ceticismo; o ecletismo peripatético (aristotélico) dedicara-se à pesquisa científica e histórica, em detrimento da reflexão filosófica.⁶⁹ O ponto comum dessas escolas foi o abandono das doutrinas ontológico-cosmológicas para a dedicação ao pensamento moral.⁷⁰

O ecletismo, fundamentalmente, é característica da filosofia romana, introduzida por Panécio e Posidônio, Filo de Larissa e Antíoco de Ascalon. O ecletismo tem como causas: uma exaustão das escolas filosóficas até esta época; a unilateralidade dos problemas que estas escolas sustentavam; o conflito com o ceticismo; a predominância do espírito prático romano e a valorização do senso comum. Dessa forma, todas as escolas sofreram influências diante das novas ideias filosóficas surgidas neste período.⁷¹ Portanto o ecletismo é fruto do gênio romano: uma tentativa de desvincular-se do pensamento abstrato da filosofia para eleger uma nova forma de pensar em função de problemas práticos, morais e políticos.⁷²

⁶⁷ GIULIANI, M. F. *Paulo de Tarso e o Helenismo*, pp. 120-121.

⁶⁸ Este termo é derivado do grego *ek-léghein*, que significa "escolher e reunir, tomando de várias partes".

⁶⁹ LARA, T. A. *A Filosofia nas suas origens*, pp. 215-217.

⁷⁰ GIULIANI, M. F. *Paulo de Tarso e o Helenismo*, p. 122.

⁷¹ REALE, G.; ANTISERI, D. *História da Filosofia*, p. 276.

⁷² AMERIO, F. *História da Filosofia*, p. 120.

Na Academia (110-86 a.C.), o ecletismo é caracterizado pelo retorno do verdadeiro platonismo (com Filo de Larissa e Antíoco), desvirtuado pelo ceticismo de Arcesilau e de Clitômaco. No Liceu, os peripatéticos dedicaram-se à erudição e aos princípios da escola eclética, principalmente com Andrônico de Rodes (I a.C.), ao publicar algumas obras de Aristóteles. Nicolau de Damasco (I a.C.) foi conselheiro de Herodes e amigo de Augusto. Também se destacam nesta escola o filósofo Ptolomeu Kemnos e Andrasto de afrodisíaco, grandes especialistas e comentadores de Platão e de Aristóteles.

4. A FILOSOFIA ROMANA E AS CORRENTES FILOSÓFICAS NOS PRIMEIROS SÉCULOS DA ERA CRISTÃ

4.1. A filosofia romana

A filosofia romana se caracteriza, fundamentalmente, pelo seu caráter ético-prático e de predominância eclética (que tem início no século II a.C.).⁷³ Alguns adotam a filosofia epicurista e outros o estoicismo. Varro (116-27 a.C.), um dos principais ecléticos da filosofia romana, desenvolveu as filosofias aristotélica, cínica, pitagórica e estoica. Marco Túlio Cícero também foi outro influente filósofo desta época. Estudou Aristóteles e os estoicos, como também o probabilismo em gnosologia. Adotou os princípios universais da verdade, em correspondência à doutrina estoica e, por isso, acredita na felicidade como prática da virtude, embora também admitisse serem necessários elementos externos para alcançar tal estado (assim como afirmavam os peripatéticos). Ora, caberia ao homem cultivar a razão e deixar-se guiar por sua natureza e pela natureza universal. A prova da existência de Deus se dava pelos argumentos de ordem e consenso universal. A alma era imortal.⁷⁴

O estoicismo em Roma desenvolveu-se, principalmente, com Lúcio Aneu Sêneca, Mussônio Rufo e Epiteto. Sêneca (4-65), embora estoico, tendia para o ceticismo e para o epicurismo e, por isso, aspirava ao ecletismo. A filosofia ganha um aspecto prático, do bem viver: *o filósofo é médico das*

⁷³ “Culturalmente, Roma é quase inteiramente devorada. Na arte, na arquitetura, na literatura e na filosofia. E o mundo romano imita, com maior ou menor sucesso, os grandes exemplos da Grécia. Contudo, há uma esfera na qual os romanos tiveram êxito, onde a Grécia e até mesmo Alexandre haviam falhado. Trata-se da esfera do governo, da lei e da administração em larga escala. Nisso, Roma exerceu alguma influência sobre o pensamento grego”. RUSSELL, B. *História do Pensamento Ocidental*, p. 180.

⁷⁴ GIULIANI, M. F. *Paulo de Tarso e o Helenismo*, p. 125.

almas. Os ensinamentos de Sêneca fundavam-se nos princípios do amor e da solidariedade (por isso alguns o viam como um “quase” cristão). Sua teologia é panteísta. A felicidade reside na prática das virtudes, segundo a natureza universal, com a necessidade de também se adquirir elementos externos para tal estado. Para Mussônio (30-102), de doutrina estoica e ascética, o corpo deveria obedecer a um exercício pleno de regulamentação, a fim de alcançar a virtude. Epiteto (50-125), realista, afirma uma ética necessária para o homem a partir de sua natureza.

Em suma, o estoicismo romano se caracteriza pela variedade de formas adotadas pelos seus pensadores: a pregação moral de Mussônio; o sermão filosófico de Dião Crisóstomo; a carta espiritual de Sêneca; o colóquio espiritual de Epiteto; a reflexão de marco Aurélio.

4.2. Correntes filosóficas nos primeiros séculos da era cristã

Nos primeiros séculos da era cristã a filosofia sofre grandes fragmentações ou mudanças: esquecimento da filosofia aristotélica, embora revivida por Fílon e Plutarco; surgimento da doutrina pitagórico-platônica; e miscelânea entre o helenismo, religiões orientais e o cristianismo. “É o encontro da filosofia com o gnosticismo, com o hermetismo e com a religião dos mistérios (Mitra)”.⁷⁵ O Mistério se proliferava pelas suas cerimônias de caráter salvífico e defesa do mal. Seus participantes eram conduzidos à imortalidade.⁷⁶ Este período marca uma era de pouca especulação e criatividade filosóficas. Por isso, a filosofia vive uma nova tendência doutrinária: o prático, o existencial, com um pouco de dose numa reflexão ética. O filósofo deveria ser um guia; a filosofia, uma escola de vida, paz e serenidade.

O *cinismo* sobrevive até final do primeiro século d.C. De caráter popular, o cinismo adotou uma linguagem fácil, retórica simples, poesias e anedotas. Seus princípios defendiam uma vida virtuosa, austera, simples, natural e livre. Combatia a desigualdade entre os homens. Fundamentalmente, três foram as grandes características do cinismo: a) a “vida cínica” (expressão da vida prática); b) a “doutrina cínica” (já que não se produziam mais novidades significativas, se criava um cinismo de doutrinas); e c) o “modelo de

⁷⁵ GIULIANI, M. F. *Paulo de Tarso e o Helenismo*, p. 127.

⁷⁶ PIÑERO, A. *Orígenes del Cristianismo*, p. 64.

se expressar” (marcado pelo *diatribe*, gênero literário muito difundido).⁷⁷ Seus principais pensadores foram: Bião de Borístenes (III a.C.), Menedemo (III a.C.), Meleagro de Gadara (I d.C.), Demétrio (I d.C.) e Dião Crisóstomo (40-170).

Reaparece, no século II a.C., o *pitagorismo*, não como uma escola, mas como um movimento místico-filosófico. Os elementos pitagóricos doutrinários, como o simbolismo, a transmigração etc., incorporam-se nas filosofias platônica, aristotélica e estoica. Em Roma, o epicurismo surge com Públio Nigídio Fígulo e com a escola dos Séxtios, poucas décadas antes de Cristo. Alexandria, em I d.C., tornou-se o maior centro neopitagórico. Apolônio de Tiana (30-97) foi contemporâneo de Paulo. Apolônio, embora politeísta, procurou purificar a religião e o culto e, por isso, grande foi sua contribuição para o cristianismo. Moderato de Gades (I d.C.) tornou-se influente, particularmente, pela sua concepção de três unidades supremas: transcendência, inteligência, alma. No neopitagorismo procurava-se uma união com a divindade. No entanto, não consistia numa pessoalidade com Deus.⁷⁸

De outra ordem, aparece o *hermetismo*. Trata-se de uma filosofia sincrética, ao ponto de confundir várias correntes da filosofia antiga. Parte do princípio da existência de um mundo desordenado, caótico. Com isso anuncia a necessidade de uma remissão através do conhecimento de Deus (pensamento encontrado no *Corpus Hermeticum*). Repugnava o ritualismo litúrgico e, por isso, não se difundiu nas camadas populares. O hermetismo “exalta a gnose, a mística da palavra, ponto de união entre a exigência teórica e a aspiração à salvação. Conhecer a Deus seria a vida da salvação”.⁷⁹

O *orfismo* surge como um movimento que busca a salvação através de uma ascese instaurada no dualismo, isto é, pelo exercício de purificação e libertação do homem. Tem sua raiz no mito órfico, de precedência dionisíaca. Por isso, o orfismo tinha práticas exóticas (de danças, orgias, exaltação, músicas). Pela omofagia, acendia-se a Deus, senhor do universo. A moral, a partir da concepção do homem (como ser que tende ao mal e ao bem), se

⁷⁷ REALE, G.; ANTISERI, D. *História da Filosofia*, p. 321.

⁷⁸ GIULIANI, op. cit., pp. 128-129. O Epicurismo tornou-se uma escola viva no segundo século da era cristã. A Carta de Plotina (viúva de Trajano), dirigida ao imperador Adriano, marca este período. Nela se falava de concessões em favor da escola e da sucessão de Plotina em sua direção. No entanto, o que atesta a vitalidade do epicurismo nessa época é o livro encomendado por Diógenes de Enoanda, no qual se apresenta uma síntese do verbo *epicíreo*. REALE, G.; ANTISERI, D. *História da Filosofia*, p. 304.

⁷⁹ GIULIANI, M. F. *Paulo de Tarso e o Helenismo*, p. 129.

funda no exercício de libertação da alma (luminosidade) do corpo (prisão). Esta libertação se dava pela transmigração. “Os órficos descobriram o imortal e divino da alma como algo sensível e delicado no homem, que deve liberar-se mediante a abstinência e a contínua purificação”.⁸⁰ O orfismo, embora (no início) tenha sido entendido como esoterismo, tornou-se um movimento muito influente durante o primeiro século d.C., em Roma.

Em termos gerais, como nos primeiros séculos do cristianismo não se obteve uma filosofia criativa e nova, apenas vigorou, particularmente, o pensamento platônico, como síntese de todas as especulações. A tendência foi desenvolver uma filosofia prática e de ordem moral e religiosa, em detrimento de uma especulação cosmológica ou gnosiológica. A filosofia se direciona para o campo da interioridade humana, como uma terapia para a alma:

Os filósofos enveredam pelo caminho da ascética e mística, como Apolônio de Tiana — da pregação popular como Dião de Prusa — da direção de consciência como Sêneca, da educação como Epiteto. A filosofia deixa de ser enciclopédia como nos tempos de Platão, Aristóteles e Estoicos, circunscrevendo-se aos temas práticos religioso-morais. A desconfiança no poder da razão levou ao predomínio do “irracional” sobre o racional: o sentimento, a emoção, a fé cega, a adivinhação, os oráculos, a magia e a superstição prevalecem sobre aquilo que antes fora a filosofia. Já não se deseja compreender, mas simplesmente crer.⁸¹

Por isso, o homem, perturbado com as novas questões e sem perspectivas de respostas, lança-se no mundo religioso, místico. Com isto a filosofia e a religião (principalmente as orientais) procurarão a felicidade e a salvação para o homem (retorno ao pensamento cínico-estoico). O filósofo aparece como homem taumaturgo e unido à divindade, pela sua magia de sabedoria e guia do espírito. Assim, Alexandria torna-se o centro deste cenário filosófico-religioso, onde se vive o sincretismo religioso e o ecletismo filosófico:

As escolas platônico-aristotélico-estoicas passaram a prescindir de suas diferenças e buscaram um fundo comum, posto que predominassem elementos platônico-pitagóricos pelo seu

⁸⁰ HOLZNER, J. *El mundo de San Pablo*, p. 114.

⁸¹ GIULIANI, op. cit., p. 129.

conteúdo ascético, moral e religioso. Todavia rechaçam todo o epicurismo ateu e o ceticismo. Este é o maior responsável pela transformação da filosofia em teosofia e religião. O peripatetismo desviou-se da orientação de seu fundador, orientando-se para o materialismo e cientificismo, para erudição. Daí a diminuição de adeptos.⁸²

Diante desta miscelânea surgem duas correntes filosóficas: o *neopitagorismo* (Públio Nigídio Fígulo, I a.C., Quinto Sexto, I d.C., Moterato de Gades, I d.C., Nicômaco de Gerasa, II d. C.) e o *platonismo médio* (Trasílio e Onaxandro, I d.C., Plutarco, I-II d.C., Teônias de Esmirna, Ático e Nicóstrato, II d.C.).⁸³ Ambas afirmam a transcendência de Deus, o uno e o Bem. Com isso, destroem as concepções de mediadores como *lógos*, potência, espíritos etc. (que imprimiam uma distância entre Deus e o homem). Ao contrário, o neopitagorismo e o platonismo defendiam a providência divina e sua união com a criatura. A elevação a Deus se dava pela ascese; e a união definitiva, na outra vida. A alma, aos poucos, se libertava do corpo corruptível.

Ainda houve, em Alexandria, um grande movimento, liderado por Fílon (século I d.C.). Sua tentativa era conciliar a filosofia, de matriz platônica, à Sagrada Escritura. Neste ambiente cultural filosófico-religioso, de tantas e variadas tendências doutrinárias, viveu Paulo de Tarso. Acredita-se que, nas suas viagens, tenha ele encontrado muitos pensadores destas tendências filosóficas e, com eles, discutido. Nesta perspectiva é possível assegurar que Paulo, mesmo que estivesse centrado no anúncio messiânico, teria utilizado do seu legado cultural greco-romano, a ponto de empregá-lo na sua retórica e costumes, o que, depois, se refletiria (pelo estilo literário) nos seus escritos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: IMPLICAÇÕES PARA O PENSAMENTO CRISTÃO NASCENTE: O PENSAMENTO PAULINO

Uma análise sobre o cristianismo primitivo e, mais precisamente, sobre a teologia paulina pode deixar alguns equívocos quando não investigado

⁸² GIULIANI, M. F. *Paulo de Tarso e o Helenismo*, p. 131.

⁸³ O neoplatonismo surge com Amônio Sacas (242 d.C.). Teve como seu discípulo Plotino (204-269 d.C.), maior expoente da escola. Segundo a doutrina do neoplatonismo "o homem deve lutar com todas as suas forças contra o mundo e a carne a fim de que, assim, possa aproximar-se de Deus e unir-se ao Absoluto com o auxílio da Religião e da Ascese". GIORDANI, M. C. *História da Grécia*, p. 405.

na sua completude (contexto), isto é, na sua relação com a cultura predominante, a greco-romana. Há uma tendência singular em focar o aspecto religioso-espiritual, expresso pela experiência mística dos primeiros cristãos, em detrimento da historicidade e da carga cultural presente no mundo antigo e que influenciou o pensamento cristão.

Há de se afirmar que uma tendência não exclui a outra, mas também não podem estar dissociadas, numa rigorosa investigação. Pois além do testemunho, que constituiu o elemento primordial de propagação da fé em Cristo e estruturação das primeiras comunidades, foi necessário um discurso elaborado, revestido da linguagem cultural do pensamento filosófico do mundo helênico, para tornar a linguagem cristã compreensível aos gentios. Os primeiros teólogos cristãos passaram a utilizar categorias próprias da filosofia, como as noções de *lógos*, *pneuma*, *providência divina*, *fé e certeza de fé*, *conhecimento*, *consciência* e *ética*,⁸⁴ elementos absorvidos da filosofia helênica. No entanto, como se sabe, o cristianismo primitivo não tinha a pretensão de construir um estatuto epistemológico das suas verdades ou de seus axiomas, ou até mesmo elaborar uma filosofia cristã ou apropriar-se do pensamento especulativo e racional da filosofia.

Pois o pensamento grego, helênico, estava preocupado em promover uma orientação para a vida, para a felicidade, que se instaurava na educação moral. O homem procurava uma espiritualidade e cultura. Os *epicuristas*, desiludidos da vida, procuravam um local para se agregarem a fim de encontrarem a paz e a amizade. Os *dogmáticos* acreditavam na verdade última. Procuraram unir Platão e Aristóteles; os *estoicos* procuravam a felicidade, que se dava pela ausência de paixões e apatia. Tinham fé numa providência e num *lógos*; os *céticos* duvidavam de tudo, afirmavam a existência de uma antítese em todo discurso filosófico. Estes, por sua vez, fundamentavam-se na experiência interior e não na inteligência discursiva. Os *místicos* propagavam a religiosidade, uma divindade superior. A ela, o homem devia servir humildemente.

Diferentemente, o cristianismo procurava testemunhar o Cristo crucificado e ressuscitado, como se observa em Paulo na sua carta aos Coríntios: “Os judeus pedem milagres, os gregos reclamam sabedoria; mas nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, e loucura para os pagãos” (1Cor 1,22-23). No entanto, os elementos da filosofia helênica, aqui sublinhados,

⁸⁴ PANNENBERG, W. *Filosofia e Teologia*, pp. 86-94.

foram constitutivos para o desenvolvimento do pensamento cristão: ora recusados, ora revestidos numa nova linguagem, ora tomados somente como ponto de partida de toda reflexão teológica.

É nesse contexto que se situa Paulo de Tarso. Ele, “por tradição e raça, encontra-se com o mais puro judaísmo, por educação e nascimento é depositário da cosmovisão helênica, por circunscrição geográfica lhe cabe o título da cidadania romana”.⁸⁵ Isto quer dizer, Paulo é filho da sua história e esteve em mútuo relacionamento com a cultura do seu tempo. Embora sua postura demonstrasse uma preocupação particular com a sabedoria grega, uma vez que ela não é capaz de revelar o mistério de Deus, esteve sempre em diálogo com o pensamento corrente do seu tempo. Por isso, sua postura com o pensamento grego não significa aversão à filosofia, mas inquietação com o pensamento pagão. É notável, por exemplo, que sua teoria do conhecimento seja oriunda do estoicismo: “Sua realidade invisível — seu eterno poder e sua divindade — tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas, de sorte que não tem desculpa” (Rm 1,20). Ao mesmo tempo em que Paulo acusa os homens de não prestarem a verdadeira honra a Deus, parece indicar a existência de uma razão imanente a todos os indivíduos.

Paulo criou uma linguagem propriamente cristã. Suas cartas apresentam os elementos fundamentais da fé cristã, o anúncio do Cristo ressuscitado. O conteúdo é de ordem prática e se destina a toda a comunidade de fé, sobretudo aos pagãos. Diante de uma realidade polêmica, ele foi levado a “converter” — em algumas situações — o vocabulário filosófico ao cristianismo, até porque o discurso filosófico era frequente no seu tempo. Paulo, como homem de muita erudição, soube fazer uma síntese de vida e unir a razão à fé. Portanto, Paulo “adotou muitas formas externas do helenismo para se fazer entender pelos ouvintes. Por vezes a influência é superficial, extrínseca apenas”.⁸⁶

Nesta perspectiva, abre-se um vasto campo especulativo para examinar a maneira como o helenismo foi absorvido por Paulo, eminentemente identificado na sua formação cultural e nos escritos das suas cartas.⁸⁷ Por

⁸⁵ PIÑERO, A. S. *Orígenes del Cristianismo: Antecedentes y primeros pasos*, p. 290.

⁸⁶ GIULLIANI, M. F. *Paulo de Tarso e o Helenismo*, p. 358.

⁸⁷ A categoria “herança”, nesta pesquisa, significa um patrimônio recebido na sua naturalidade e não um corpo de teorias dadas, determinantes do agir e do pensar. Isto quer dizer que Paulo, como homem do seu tempo, e como intelectual, absorveu a cultura greco-romana,

isso, vê-se a necessidade de uma real compreensão do helenismo no panorama histórico no tempo de Paulo; a maneira como Paulo foi introduzido no mundo da filosofia grega; e a forma como Paulo reagiu diante do conhecimento gentio.

Em suma, todo este exercício propôs-se, como única finalidade, situar o cristianismo primitivo em torno do legado cultural do mundo greco-romano e apresentar ferramentas necessárias para entender o pensamento cristão, em face de sua apologia e diálogo com o mundo pagão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AMERIO, F. *História da filosofia*. V 1. Coimbra: Casa do Castelo, 1960, 3ª ed.
- AYMARD, A.; AUBOYER, J. *O Oriente e a Grécia antiga*. V. 2. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965/71.
- COTHENET, E. *São Paulo e o seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1985, 2ª ed.
- GIORDANI, M. C. *História da Grécia — Antiguidade Clássica I*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- GIULIANI, M. F. *Paulo de Tarso e o helenismo: vida, obra, ambiente e influências*. Santa Maria: S.C.P., 1976.
- HENGEL, M. *L'Ellenizzazione della Giudea nel I secolo d.C.* Brescia: Paideia, 1993.
- HOLZNER, J. *El Mundo de San Pablo*. Madrid: RIALP, 1951.
- KOESTER, H. *Introdução ao Novo Testamento: História, cultura e religião do período helenístico*. V. 1. São Paulo: Paulus, 2005.
- LARA, T. A. *A Filosofia nas suas origens gregas*. Petrópolis: Vozes, 1999, 3ª ed.
- MONDOLFO, R. *O Pensamento antigo: história da filosofia greco-romana*. v. 2. São Paulo: Mestre Jou, 1973, 3ª ed.
- NÉDONCELLE, M. *Existe uma filosofia cristã?* São Paulo: Flamboyant, 1958.
- NOVO TESTAMENTO interlinear grego-português. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.
- PANNENBERG, W. *Filosofia e Teologia — tensões e convergências de uma busca comum*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- PIÑERO, A. S. *Orígenes del cristianismo: Antecedentes y primeros pasos*. Madrid: El Almendro, 1991.

pensou como os filósofos a fim de conduzir os gentios à verdade, servindo-se de ideias comuns, como também escreveu e viveu guiado pelo Espírito de Deus.

- PRIETO, C. *Cristianismo e paganismo: a pregação do evangelho no mundo greco-romano*. São Paulo: Paulus, 2007.
- REALE, G.; ANTISERI, D. *História da filosofia — Antiguidade e Idade Média*. V. 1. São Paulo: Paulus, 1990.
- RUSSELL, B. *História do Pensamento Ocidental*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- TREVIJANO ETCHEVERRIA, R. *Orígenes del cristianismo: el trasfondo judío del cristianismo primitivo*. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 1995.
- VAZQUEZ, A. S. *Ética*. Tradução de João Dell'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, 23ª ed.
- WENDLAND, P. *La cultura ellenistico-romana nei suoi rapporti con Giudaismo e Cristianesimo*. Brescia: Paideia, 1986.